SER "DOURADO": UM ESTUDO SOBRE O CÔMICO E O AMBÍGUO NA FALA DE UM GRUPO DA REGIÃO DE PATROCÍNIO MG.

Ormezinda Maria RIBEIRO (SEMEC)

RESUMO: Apresentamos uma pesquisa sobre falantes de "Dourados", zona rural de Patrocínio MG e seus egressos, cujo falar característico, propagado por diversas gerações, os distingue nas demais comunidades. Partimos da hipótese de que o aspecto cômico provocado pela ambigüidade nas construções realizadas por esse grupo é determinado, na maioria dos casos, pela relação metafórica e metonímica e pelos efeitos da projeção de imagens, localizando a metáfora no modo de conceptualizar um domínio mental em termos de outro. Constitui-se em uma investigação de variação lingüística, com abordagem da Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1998) e os mapeamentos metafóricos de Lakoff e Johnson (2002).

ABSTRACT: We present a research about a group of speakers from a rural region known as Dourados, in the city of Patrocínio, state of Minas Gerais. The peculiar speech of this group, propagated for various generations, distinguishes these speakers from other communities. Believing the hypothesis that the comic aspect brought by the ambiguity in the constructions produced by this group is determined, in most cases, by the metaphoric and metonymic relation and by the effects of image projection, locating the metaphor in the way of conceptualizing a mental domain in terms of another. this work constitutes an investigation of a linguistic variety which. The model of "mental spaces" proposed by Fauconnier (1998) and the metaphoric mapping of Lakoff and Johnson (2002) will constitute our theoretical support.

1. Introdução

Investigamos neste trabalho os mecanismos subjacentes ao falar de uma comunidade cuja característica é destacar sempre o aspecto cômico nas interações sociais, por meio da ambigüidade. Partimos da hipótese de que o aspecto cômico provocado pela ambigüidade nas construções realizadas pelo grupo pesquisado é determinado, na maioria dos casos, pela relação metafórica e metonímica e pelos efeitos da projeção de imagens, ou seja, localizando a metáfora no modo de conceptualizar um domínio mental em termos de um outro. Entendemos, então, que essa abordagem poderia ser feita à luz dos estudos da Lingüística Cognitiva, relacionando-os com os pressupostos teóricos da Sociolingüística.

Assim, apoiados na reflexão de que as línguas representam sistemas simbólicos, dotados de regras e limites precisos, mas considerando, sobretudo, que a riqueza da fala, simultaneamente sua força e seu mistério, está em ultrapassar efetivamente qualquer determinação prévia do sentido, adotamos o modelo dos "espaços mentais" proposto por Fauconnier (1998) para chegar a algumas considerações possíveis neste estudo.

O material que compõe as informações básicas com as quais redigimos o trabalho final se constitui de anotações de falas em ocasiões informais, de registros de transcrições de falas obtidas em entrevistas gravadas a partir de intervenções da pesquisadora, além de documentações deixadas por pessoas já falecidas e documentos históricos obtidos nos arquivos públicos municipais, acervos de historiadores da região, bem como de informações de outras pessoas que conviveram com o grupo pesquisado.

Esta é uma investigação de variação lingüística que, passando pela abordagem da Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1998), caracteriza-se como um estudo nos campos da Lingüística Cognitiva e tem uma relação com o quadro da Sociolingüística e da Antropologia Lingüística. Nessa medida, trata da análise de um grupo de falantes de uma região rural de Patrocínio, MG, e egressos dessa região, residentes nessa cidade.

O modelo dos "espaços mentais" proposto por Fauconnier (1997, 1998) e os mapeamentos metafóricos de Lakoff (1993) e Lakoff e Johnson (2002) constituem nosso aporte teórico para tentar explicar os processos cognitivos que se estabelecem na mente dos falantes da comunidade pesquisada, quando se envolvem em um evento de fala.

Assim, reportar-nos-emos aos pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva com foco na teoria de Lakoff e Johnson (2002), Fauconnier e Sweetser (1996), Fauconnier e Turner (1996) e Fauconnier (1997, 1998).

A teoria dos Espaços Mentais, defendida por esses autores, explicita que a construção de domínios cognitivos ou Espaços Mentais se dá a partir de expressões lingüísticas apropriadas, que pressupõem operações sintáticas e semânticas necessárias à construção de sentido. A cada novo espaço mental, uma nova referência é construída, a partir da instalação de um enunciador, num determinado tempo e lugar e isso é marcado por mecanismos lingüísticos, aos quais Fauconnier chama de construtores de Espaço (*space builders*), que são formas lingüísticas ativadoras do processo de referenciação.

Propomo-nos a analisar as expressões lingüísticas desse grupo de falantes a partir desses mecanismos lingüísticos. Admitimos, neste estudo, que a teoria das metáforas não pode separar o cognitivo do social, assumindo que toda e qualquer consideração teórica que procure propor uma abordagem puramente cognitiva, ou puramente sócio-cultural não conseguirá fornecer uma visão satisfatória da linguagem, razão pela qual, antes das análises, dedicamos um tempo à pesquisa histórica e antropológica, com a intenção de apresentar o grupo em seu contexto histórico-social.

Essas considerações se fazem necessárias, pois nos remetem à necessidade imperiosa de pesquisarmos a língua em uso, e mostrar que a interação entre o cognitivo e o social nos permite efetivamente abordar a linguagem sob uma ótica que nos revele toda a sua riqueza de formulações sócio-históricas, sem, contudo, perdemos o foco da análise lingüística.

Assim, estamos levando em consideração, neste estudo, três aspectos imprescindíveis: os recursos lingüísticos e cognitivos dos falantes/ouvintes, a contextualização dos enunciados analisados e os resultados das projeções realizadas pela comunidade lingüística pesquisada.

Esta pesquisa compõe-se, como ponto de partida, de levantamentos de dados históricos, sociais e antropológicos que possibilitem a compreensão da comunidade objeto deste estudo.

2. Metodologia de trabalho

Desde o início da pesquisa, uma exigência, cuja satisfação nos parecia fundamental era permitir que a fala gravada transcorresse de modo informal e o mais natural possível, conforme recomenda Tarallo (1986, p. 20-26). Assim, foram gravadas as conversas dos informantes em entrevistas informais em que a fala espontânea era propiciada por contextos criados pela utilização de questões que envolviam emocionalmente o entrevistado, além dos registros das situações cotidianas. Somando-se a isso dados fornecidos por terceiros que constam do acervo conhecido por toda a comunidade da cidade de Patrocínio e para além de suas fronteiras, recorremos à fala descontraída e alegre e o gosto por longas conversas, características marcantes do grupo. Isso nos possibilitou evidenciar as marcas lingüísticas próprias dos falantes. Embora muitas situações registradas em diário de campo não pudessem ser gravadas, estão devidamente anotadas e transcritas, conforme seu contexto, neste trabalho. Após a transcrição das falas gravadas e da organização dos dados registrados em diário de campo, selecionamos as estruturas sintáticas que foram analisadas tendo como base a teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1997, 1998).

Assumimos, com Tarallo (1986, p. 7; 35), que uma ciência da linguagem é social por natureza e que nosso compromisso com o aspecto social da linguagem nesta pesquisa é, portanto, imperativo. Quando se fala em pesquisa, fala-se em sociedade e não há como pensar em sociedade sem considerar os seus aspectos dinâmicos e interacionais. O homem, parte integrante dessa sociedade, encontra seu habitat entre outros homens, seus semelhantes, que guardam em si a individualidade e a alteridade inerentes à condição humana. Portanto, cada um é um ser individual, dentro de um coletivo que se altera constantemente. Pesquisa-se para aplicar nessa sociedade e pesquisa-se dentro dessa sociedade.

As Ciências Sociais chamam a si a necessidade de firmar um caráter científico, considerando o embate que travam com as ciências naturais, no sentido de merecerem o estatuto de ciência. Seu objeto, sendo histórico e determinado por um conjunto de fatores que se confundem com a própria sociedade, tem na provisoriedade e no dinamismo características fundamentais.

No caso específico de nossa pesquisa, temos uma comunidade de falantes, cujo falar característico a distingue dos falantes de uma comunidade maior, na qual está inserida, e cujos indivíduos com seu linguajar interagem nessa comunidade. A despeito de serem aceitos pela sociedade envolvente, são reconhecidos como membros de uma comunidade particular, mais pela característica lingüística do que propriamente étnica. Compartilham saberes, informações e interferem no seio daquela sociedade, que não só aceita o grupo, como, de certa maneira, propaga e mantém o falar característico dos habitantes e egressos da região do Rio Dourados.

A pesquisadora, além de ser membro da comunidade maior, conviveu e ainda mantém contatos, não só no âmbito da pesquisa, mas pessoais, com diversos membros do grupo pesquisado, pela proximidade de

relações de seus familiares. Nesse caso, não está isenta de interações, sentimentos e emoções. Realçamos que o próprio interesse pela comunidade e pela pesquisa deu-se em decorrência desses sentimentos.

Assim, baseando-nos nas recomendações de Tarallo (1986, p. 27), procuramos: 1-por meio de um contato informal e descontraído, acomodar nosso comportamento social e lingüístico ao grupo da comunidade pesquisada; 2- intermediar nossos contatos com as pessoas da comunidade por intermédio de pessoas de relacionamento comum; 3- deixar claro para os entrevistados que o nosso interesse era registrar as experiências do grupo, sem destacar o aspecto lingüístico como ponto principal; 4- registrar o máximo possível de situações de interações comunicativas, não só por meio de entrevistas gravadas, uma vez que a variável sintática, nosso ponto de interesse, sendo mais recorrente na fala, dificilmente seria detectada em ocasiões previamente formalizadas. Empregamos, portanto, outras estratégias de registro, como anotações de falas em ocasiões informais, possibilitadas em eventos sociais de naturezas diversas; 5-assegurar ao grupo que o trabalho realizado seria usado para conclusão de um estudo que estava sendo feito há anos, cuja finalidade é um registro histórico da comunidade; 6-escolher os informantes de forma a contemplar a representatividade de ambos os sexos, de faixas etárias e níveis de escolaridade diferentes.

3. Retratos do grupo

Em Ferreira (1999, p. 706), a palavra **dourado** figura como:

> (adj.) 1 da cor do ouro; 2 Revestido de camada ou folha de ouro; 3 enfeitado ou bordado a ouro; 4 feliz, alegre, despreocupado; (s.m.) 5 douradura; 6 a cor dourada; peixe actinopterigeo, cacaciforme, caracídeo (Salminus brevidens do Rio São Francisco, S. maxilosus da bacia do Paraná), carnívoros, de grande porte, de coloração dourada endente ao vermelho, muito apreciado para pesca esportiva e cuja carne e de primeira qualidade, alcança 1 m de comprimento e 20 kg de peso.

A Nova Enciclopédia de Pesquisa Fase especifica que o dourado é o mais belo e mais apreciado dos peixes dos rios brasileiros. Atinge mais de 1. 40m de comprimento e cerca de 30 kg e tem carne muito saborosa. Tem esse nome devido à cor de ouro claro, sendo que cada escama é atravessada no meio, por uma pequena risca preta, formando-se assim um ligeiro desenho de numerosas linhas retas, que percorrem o corpo da cabeça à cauda (NOVA.,1979, p.1267).

Todavia, no linguajar da região de Patrocínio, a palavra “dourado” tem outra conotação. Designa, em termos gerais, as pessoas oriundas da região rural próxima ao Rio Dourados e, por extensão metonímica, todas as pessoas que gostam de pão doce, ou ainda as que possuem traços físicos característicos daquele grupo, quais sejam, pele muito clara, olhos bem azuis, cabelos extremamente loiros e finos e um falar característico.

Segundo informações obtidas em conversas com pessoas mais idosas, cujas idades variam entre 80 e 92 anos, nascidas e criadas na região rural, objeto de nossa pesquisa, confirmadas pelos documentos oficiais do município de Patrocínio, o rio que dá nome àquela localidade rural recebeu o nome de Dourados em razão da ocorrência de peixes com essa denominação. Esse rio que divide o município de Patrocínio com o município de Coromandel a noroeste é importante na rede hidrográfica de Patrocínio, que pertence à Bacia do Paranaíba.

Sustentados pelos registros cartoriais e pelas entrevistas com membros mais velhos do grupo e com pessoas da cidade, constatamos que o grupo é bem mais numeroso do que supúnhamos a princípio. O fato de as famílias serem formadas por muitos filhos, principalmente as mais antigas, e de se constituírem muito jovens, determinou o grande número de descendentes encontrado na pesquisa. Há relatos de casais com mais de 20 filhos, cujos descendentes também possuem em média cerca de 10 filhos. As famílias atuais têm diminuído esse número, mas ainda há registros de várias famílias com mais de seis filhos. Um membro do grupo, de 80 anos, informou que seus pais tiveram 13 filhos e seu avô 21, filhos de dois casamentos, e que ele próprio é pai de 9 filhos. Segundo relatou, os encontros festivos da família chegam a juntar cerca de 4000 pessoas.

O grupo pesquisado, chamado popularmente de “Dourados”, é composto, como dissemos, em sua maioria, por pessoas de tez clara, olhos verdes ou azuis, compleição física pequena e cabelos geralmente loiros, o que faz com que pessoas de outras comunidades associem o nome “dourado” ao tipo físico predominante no grupo. Como é comum a prática de casamentos endogâmicos, o fenótipo dos membros do grupo não varia muito.

De um modo geral, as atividades econômicas praticadas pelos membros do grupo giram em torno da agricultura e da pecuária, com destaque para a criação e o comércio de bois. Nesse caso, é notória a habilidade de comercialização que as pessoas provenientes desse grupo apresentam. O grupo, em sua grande maioria, reside, atualmente, na cidade de Patrocínio, em maior concentração nos bairros próximos à região rural de onde vieram: a região do Rio Dourados, a poucos quilômetros da zona urbana. Contudo, vários membros do grupo residem na zona rural e só se deslocam até a cidade para atividades comerciais ou para participar de eventos sociais e muitos deles, mesmo residindo na cidade, possuem propriedades rurais na região de origem.

Embora a maioria dos membros do grupo seja composta de produtores rurais ou comerciantes, encontramos também enfermeiros, médicos, arquitetos, bancários, professores, fotógrafos, dentre outras profissões, e vários deles já se elegeram vereadores, ocupando com destaque uma cadeira na Câmara Municipal de Patrocínio.

A princípio, escolhemos registrar as falas daqueles representantes do grupo considerados mais populares. Vários informantes se reportaram às famosas expressões de um "personagem popular", bastante conhecido além dos limites do município, tanto por suas façanhas comerciais, quanto pelo falar típico e descontraído. Essas entrevistas foram conduzidas no sentido de tentar resgatar as falas conhecidas por muitos e difundidas em toda a comunidade, inclusive fora dos limites do município.

Os encontros com os informantes pertencentes ao grupo pesquisado ocorreram de forma tranqüila, pois éramos conduzidos àqueles que "conversariam" conosco por intermédio de alguém da comunidade, quase sempre uma sobrinha, uma prima, ou amigos. A opção por gravar as memórias de outros grupos foi, em princípio, uma tentativa de registrar as impressões de outros sobre o nosso grupo de interesse, mas, posteriormente, despontou-se uma possibilidade de evidenciar as diferenças lingüísticas. Assim, escolhemos informantes que conheciam bem as pessoas do grupo pesquisado e que integram a mesma geração.

Registramos as falas de homens e mulheres de faixas etárias definidas previamente de modo a contemplar o linguajar de pessoas residentes tanto na zona rural, quanto daquelas que residem na zona urbana.

À comunidade, objeto principal deste nosso estudo, denominamos "Dourados", em referência ao local de origem e à forma como são conhecidos seus integrantes, pelas demais comunidades. Chamamos "Outro" ao grupo dos demais informantes que participaram da pesquisa. Esse grupo foi ouvido, inicialmente, com a intenção de nos confirmar dados a respeito do grupo principal, considerando que muitas expressões atribuídas aos integrantes da Comunidade de Dourados já faziam parte do anedotário regional e eram divulgadas até mesmo em circunscrição nacional. Nosso propósito original era o de registrar, em forma de memórias, essas falas e confirmar sua veracidade, à medida que íamos contatando mais informantes, incluindo-se o possível e aludido autor da expressão citada. Contudo, percebemos que seria relevante gravar algumas entrevistas com pessoas de outras comunidades para contrapormos suas maneiras de falar. Desse modo, escolhemos informantes que teriam aproximadamente a mesma idade, vivendo em ambiente e com atividades profissionais semelhantes às daqueles do grupo principal. As falas gravadas tratavam, geralmente, de assuntos ligados ao grupo foco de nosso interesse. Assim, pudemos reunir dados históricos, e verificar ocorrências que permitissem comparações e ou diversidades lingüísticas para análise.

4. AS MÚLTIPLAS FACES DA LINGUAGEM

4.1 Sobre ambigüidadeb

A ambigüidade é, segundo Dubois et al. (1993, p. 45), a propriedade de certas frases realizadas apresentarem vários sentidos e pode advir do fato de que a frase tenha uma estrutura sintática suscetível de várias interpretações, ou decorrer do léxico quando certos morfemas apresentarem vários sentidos. Assim posto, pode parecer por demais simplista, se tomarmos essa definição literalmente, sem atentarmos para outros aspectos concernentes à própria natureza do discurso, ou no caso especifico deste estudo, da expressão oral de um grupo de falantes. Por essa razão a definição de ambigüidade aqui circunstanciada é apresentada apenas como ponto de partida para a análise de um fenômeno que se quer colocar em relevo.

A teoria dos espaços mentais, defendida por Fauconnier (1998) e corroborada por Lakoff e Johnson (1999), nos permitirá avançar um pouco mais nesse campo e constitui a etapa decisiva do presente estudo. Nesse sentido, a ambigüidade é analisada do ponto de vista da pragmática, em que se pode observar o processo de construções espaciais elaboradas por cartografias metafóricas, que constroem o significado a partir de uma referência da língua e do pensamento, dando visibilidade aos espaços entre essas construções.

Ou seja, não há como examinar uma oração, ou uma expressão lingüística isolada. Para que suas interpretações sejam estudadas é necessário que se explicite o discurso em que se contextualiza.

Observemos as seguintes construções:

A- Tem queijo seu Pedrinho fresco?

B- Tem queijo fresco, seu Pedrinho?

E consideremos algumas definições para a palavra fresco:

A- Na expressão denotativa:

1- Saudável; 2-viçoso; 3- verdejante, virente; 4- que não está cansado; 5- que tem o viço da mocidade; 6-não alterado, não estragado; 7- recente, de pouco tempo; 8-úmido, molhado, não seco; 9- que tem pouco tempo de existência, etc.

B- Na expressão conotativa:

1-afeminado; homossexual; licencioso.

A construção (A), se tomada no plano conotativo, pode nos causar estranheza, considerando que a palavra "fresco", nesse caso, atribui qualificativo a Pedrinho e, se entendida no plano denotativo, também não faria sentido, pois o qualificativo "fresco" não seria adequado ao termo qualificado. A construção (B) é perfeitamente plausível, pois o qualificativo "fresco" é apropriado ao termo qualificado. Portanto, a inversão do qualificativo na construção (A) torna a expressão ambígua, uma vez que se presume que a intenção do falante seja construir o enunciado (B).

Dessa forma, podemos aduzir que conotação é a capacidade que tem uma palavra de incorporar outro valor, graças à faculdade de associação de idéias, próprias ao espírito humano e assim, estabelecer correlações com coisas análogas ou assemelhadas.

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das idéias e dos sentimentos. Portanto, há que se considerar, na perspectiva da significação, as duas funções que a língua adota. Assim, a ambigüidade, a propriedade que têm as frases de, ao se realizarem, permitirem mais de uma leitura, em nossa pesquisa assume um papel relevante considerando que as construções que são realizadas pela comunidade pesquisada. No caso das construções realizadas pelo grupo pesquisado, a inversão do adjetivo provoca a ambigüidade e o aspecto cômico.

O modelo dos "espaços mentais" proposto por Fauconnier (1997, 1998) e os mapeamentos metafóricos de Lakoff (1993) e Lakoff e Johnson (2002) constituirão nosso aporte teórico para tentar explicar os processos cognitivos que se estabelecem na mente dos falantes da comunidade pesquisada, quando se envolvem em um evento de fala.

Reportar-nos-emos, então, aos pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva com foco na teoria de Lakoff e Johnson (2002), Fauconnier e Sweetser (1996), Fauconnier e Turner (1996) e Fauconnier (1997, 1998), uma vez que a Lingüística Cognitiva coloca em relevo o uso de conhecimento prévio do mundo, considerando os fatores biológicos, psicológicos, históricos e sócio-culturais, conforme afirma Abreu (2003, p. 9).

A teoria dos Espaços Mentais, defendida por esses autores, explicita que a construção de domínios cognitivos ou Espaços Mentais se dá a partir de expressões lingüísticas apropriadas, que pressupõem operações sintáticas e semânticas necessárias à construção de sentido. A cada novo espaço mental, uma nova referência é construída, a partir da instalação de um enunciador, num determinado tempo e lugar e isso é marcado por mecanismos lingüísticos, aos quais Fauconnier chama de construtores de Espaço (*space builders*), que são formas lingüísticas ativadoras do processo de referenciação.

4.2 A teoria dos espaços mentais e a construção dos sentidos

Conforme Fauconnier (1998), espaços mentais são construções teóricas que permitem tratar dos processos de referenciação, ou seja, dos significados que se instauram na interação comunicativa e têm como conseqüência a interpretação dos sentidos. São estruturas provisórias que se manifestam a cada acesso do domínio cognitivo, a fim de decodificar as informações obtidas e projetá-las na linguagem.

Segundo a teoria dos espaços mentais, as construções lingüísticas são pré-figuradas na mente por espécies de "espaços" de organização dos sentidos. Esses espaços são precários e transitórios, pois deixam de existir tão logo a construção lingüística se efetive e estão ligados aos arquivos de armazenamento de experiências físicas, psíquicas, sociais e culturais que as pessoas vão acumulando, transformando e ativando do nascimento ao fim da vida.

A teoria de Fauconnier (1998) visa descrever o modo pelo qual os modelos cognitivos são construídos no ato do discurso de forma temporária. Assim, estabelecido o arquivamento das experiências vivenciadas,

os indivíduos vão acessá-las quando necessário. Os domínios cognitivos podem ser entendidos por áreas de nossa memória nas quais são armazenados, de forma esquemática, nossos conhecimentos e experiências.

A partir do compartilhamento de experiências físicas, psíquicas, culturais, sociais e lingüísticas, que são processadas pelos indivíduos, ao longo de suas vidas, nas interações que vão sendo produzidas e efetivadas nas comunidades às quais se integram, estruturas de conhecimento, de diferentes naturezas, vão sendo arquivadas na mente dos indivíduos e ali permanecem disponíveis até que sejam ativadas. Os enunciados produzidos nos discursos ativam correlações entre as formas lingüísticas e essas estruturas de conhecimento.

As construções lingüísticas guardam as experiências vividas pelos indivíduos em suas comunidades, e são perceptíveis na linguagem daqueles que partilham do mesmo código e das mesmas vivências sócio-culturais. Na perspectiva teórica defendida por Fauconnier (1997, 1998), Fauconnier e Turner (1996) e Fauconnier e Sweetser (1996), os significados são construções mentais que se processam a partir de instruções fornecidas pelos sinais lingüísticos – as formas lingüísticas. Assim, formas lingüísticas não são portadoras de significados, mas guias para a construção de significações em domínios mentais, uma vez que os diferentes níveis de estruturação da gramática podem ser entendidos como partes integrantes do conhecimento que os sujeitos têm arquivados na mente.

Tais conhecimentos são esquematicamente organizados por áreas ou domínios cognitivos, cujas estruturas compõem arquivos mentais permanentes de compactação de conhecimentos. Esses arquivos são acessados e ativados por formas gramaticais ou inferências pragmáticas que se efetivam na interação comunicativa e se integram ao processo de construção dos significados a que as formas lingüísticas remetem.

Além dessas estruturas permanentes que se organizam para a construção dos significados, há as estruturas provisórias, os chamados espaços mentais, propostos por Fauconnier (1998). Esses espaços, como dissemos, são estruturas transitórias de organização da representação do pensamento na forma da língua. Eles emergem na mente à medida que pensamento e fala progridem, como "arquivos de trabalho" nos quais as formas lingüísticas são pré-organizadas para serem projetadas nos enunciados.

Na continuidade do discurso, outros espaços emergem, interligados, numa rede tão dinâmica quanto complexa, pré-organizando a construção dos discursos.

Para Fauconnier (1998), esses espaços são construtos teóricos por meio dos quais podemos descrever ou explicar o dinamismo dos processos de referenciação nas línguas naturais e, como tais, são localmente processados, dinamicamente estruturados e encadeados uns aos outros, formando uma teia de elos (l*inks*) por meio das quais nos guiamos para produzir e compreender os significados que os enunciados veiculam.

Assim, como um espaço pode gerar outros espaços, linhas imaginárias estabelecem ligações (*links*) entre eles, entre esses e os domínios cognitivos que acessam ou às situações comunicativas às quais se integram. No processamento da fala, espaços de diferentes naturezas entram e saem de foco, tal qual a dinâmica dos processos de pensamento que se representam na linguagem. Dessa forma, como configuram o dinamismo dos processos de produção e de interpretação dos enunciados lingüísticos, não são estruturas completamente prontas, contudo, parcialmente estruturadas por informações que são importadas de diferentes domínios ou definidas por inferências processadas na situação comunicativa na qual se inserem. A eles os sujeitos da interlocução podem adicionar, cancelar ou correlacionar elementos importados de outros espaços ou domínios.

4.3 Sobre metáforas

Tradicionalmente, a metáfora tem sido conceitualizada com uma figura de palavra em que um termo substitui o outro, em vista de uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam.

Em uma tradução literal do vocábulo, teremos: Metaphorá (metáfora), do grego, META = trans + PHÉREIN, o que equivale a levar, ou seja: uma mudança do sentido próprio para o figurado.

Aristóteles, (1959, p.62), definiu a *metaphora* como um conjunto genérico–analógico, um cruzamento de figuras, de mudança de sentido. Para esse filósofo, a metáfora é uma transferência de um nome estranho, estrangeiro (*alltrios*) de uma coisa para outra, transferência do gênero, da espécie para a espécie e por fim pela relação de analogia.

Atualmente, a metáfora deixou de ser considerada um simples “adorno” para o texto, como acontecia no passado, e não é mais vista tão somente como uma mera figura de estilo, mas considerada como elemento indispensável para a constante revitalização da linguagem humana, num processo de enriquecimento e transformação da língua. Ela faz parte da vida diária, na linguagem, no pensamento e na ação. As metáforas são reveladoras de elementos ocultos que apenas o inconsciente pode perceber e utilizar. Elas comunicam indiretamente, num processo de linguagem que consiste em fazer uma substituição analógica.

Esse entendimento da metáfora como uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento, pode ser atribuído a Lakoff & Johnson (1980). Esses autores, ao romperem com a visão tradicional da metáfora, na qual ela é considerada simples figura de linguagem, sem valor cognitivo, devendo ser apenas reconhecida e classificada, enfatizaram a sua interpretação, por envolver o desenvolvimento do raciocínio analógico e a capacidade interpretativa do interlocutor.

Assim, a seguir, reportar-nos-emos à teoria de Lakoff e Johnson (2002), considerando o tratamento dado ao estudo da metáfora. Esses autores constataram que a maioria das concepções filosóficas tradicionais atribuía à metáfora um diminuto papel, colocando-a num plano periférico para a compreensão do mundo e do modo de expressar sobre esse mundo, além do fato de terem encontrado uma evidência lingüística de que a metáfora desempenha um papel essencial na linguagem cotidiana e no pensamento.

4.4 A Teoria de Lakoff & Johnson

Assim como Fauconnier (1998, p. 2), Lakoff e Johnson afirmam que a mente é inerentemente corporificada, que o pensamento é essencialmente inconsciente e que os conceitos abstratos são basicamente metafóricos. Três dos principais pilares da ciência cognitiva, fundada nos anos 70, antagônicos, a priori, às bases da filosofia ocidental.

Ao contrário do que apresenta a tradição platônico-aristotélica, as metáforas, do ponto de vista das ciências cognitivas, não são figuras de natureza retórica ou poética, mas um recurso do pensamento, que não pode ser manifesto a não ser pelo concurso dos signos, já dizia Saussure (1979).

Para Aristóteles (1959, p. 42), a metáfora é uma “criação lingüística”, pois a língua não é apenas veículo comum, ela é também um meio de despertar emoções e de as fazer surgir nos outros”. A linguagem metafórica é, sem dúvida, uma das principais estratégias expressivas disponíveis na língua.

Nesses termos, as metáforas lingüísticas constituem manifestações verbais de metáforas conceituais, pois um mesmo conceito metafórico pode ser expresso por meio de diferentes enunciados lingüísticos, conforme a escolha lingüística do enunciador. Isso implica dizer que a metáfora é uma expressão do pensamento, e sua representação lingüística é uma manifestação dessa expressão do pensamento nas formas da língua.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 323-327), a visão equivocada da metáfora como simples ornamento, como figura de linguagem, ou retórica sem função informativa, pode ser explicada pelo que eles denominam mito do objetivismo, que abrangeria todas as correntes da filosofia ocidental na qual houve a hegemonia da razão, além do medo do sentimento e da imaginação.

Na tradição objetivista, afirmam Lakoff e Johnson (2002, p. 324), a metáfora “é vista como apenas marginalmente relevante para uma explicação da verdade”.

Todavia, esses autores garantem que a metáfora está presente, não só em nossa linguagem, mas em nosso sistema conceptual, sendo um dos mecanismos mais básicos para a compreendermos nossa experiência, o que não combina com a visão objetivista pela qual a metáfora é de interesse apenas periférico na explicação do sentido e da verdade, desempenhando apenas um papel marginal na compreensão. Para Lakoff e Johnson, a metáfora pode criar sentidos novos, criar similaridades e, assim, definir uma nova realidade. Baseando-se, principalmente, na evidência lingüística, esses autores constataram que a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica.

A grande contribuição de Lakoff e Johnson reside no fato de derrubarem uma série de dicotomias objetivistas, quando enfatizaram em seus estudos que a grande parte dos enunciados do cotidiano são metafóricos e que a metáfora é a regra, não a exceção, levando a desestabilização do conceito de que a linguagem figurada é um desvio da linguagem usual. Essa abordagem desestabiliza também a concepção de que ciência se faz com a linguagem literal e poesia, ou literatura, com a linguagem metafórica. O que se estabelece é a idéia de que essa figura se encontra presente em todos os tipos de linguagem como algo central e não periférico, quer no discurso da ciência, do cotidiano ou literário.

4.5 Alguns aspectos da metáfora

Para Lakoff e Johnson (2002), metáforas não ligam apenas sistemas conceituais, ao serem processadas, mas, de uma forma inerentemente básica, constroem, motivam e restringem tais sistemas conceituais.

A palavra "metáfora" pode ser entendida, no sistema conceptual, como uma projeção (no sentido matemático do termo) entre um domínio de origem, que serve como ponto de referência e onde se buscam

conceitos, definições e terminologia, e um domínio alvo, explorado e expresso com os elementos fornecidos pelo domínio de origem.

As metáforas são projeções entre domínios conceptuais, provenientes do processamento cognitivo chamado Espaços Mentais, que surgem quando falamos ou pensamos, produzidos como funções da expressão lingüística que os suscitam e do contexto que se configuram. São, portanto, dinâmicos.

Nos espaços mentais, os sentidos são pré-organizados na mente e, quando ativados, podem projetar padrões de inferência do domínio de origem em padrões de inferência no domínio alvo.

Essas projeções não são arbitrárias, mas assentam no corpo e na experiência e conhecimento cotidianos. O nosso sistema metafórico é fundamental para a nossa compreensão da experiência e para o modo de agirmos com essa compreensão. A metáfora é essencialmente baseada em correspondências com as nossas experiências, mais do que na similaridade. O sistema metafórico desempenha um papel importante tanto na gramática como no léxico duma língua e é constante, ainda que de forma inconsciente. Assim, podemos compreender que o modo pelo qual o falante recebe e encara a realidade depende da própria língua, ou seja, entre a visão do mundo e a linguagem existe uma relação de interdependência.

As projeções metafóricas variam em universalidade. Algumas parecem ser universais, outras estão muito difundidas, ou constitutivas de determinada cultura, podendo ser consideradas um fenômeno central na linguagem e no pensamento e não apenas uma figura de estilo, sendo presente em todos os tipos de linguagem, na cotidiana e cientifica e não apenas na linguagem poética.

4.6 Sobre metonímias

Assim como a metáfora, tradicionalmente, também a metonímia tem sido considerada como “figura de palavra”, apenas mecanismo retórico de ornamentação, típicos da linguagem literária. Contudo, essa figura não é exclusividade da linguagem poética, nem tão somente reforço para a argumentação e a retórica. Assim como ilustra a epígrafe extraída do filme “O carteiro e o poeta”, Lakoff e Johnson (2002, p. 48) garantem que a linguagem cotidiana também está repleta de expressões metonímicas. Segundo esses autores, tanto metáfora como metonímia são instrumentos cognitivos, o que, para a Lingüística Cognitiva, constituem fenômenos verdadeiramente conceituais.

A diferença entre metáfora e metonímia, com efeito, não é uma diferença de operação, como entre semelhança e relação extrínseca, afirma Ricoeur (2002, p. 255). Na metonímia, um termo substitui outro não porque a nossa sensibilidade estabeleça uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam, mas pela relação de proximidade, de vizinhança entre um termo e outro. Essa relação não é inquestionável, mas pode ser verificada na realidade externa ao sujeito que estabelece tal relação.

Enquanto a metáfora envolve domínios cognitivos diferentes, relativos à experiência, como uma projeção da estrutura de um domínio-origem numa estrutura correspondente a um domínio-alvo, a metonímia fica circunscrita a um mesmo domínio, afirma Lakoff (1987).

Para demonstrarem que as metáforas não são meras extensões, ou transferências semânticas de uma categoria para outra de domínio diferente, mas envolvem uma analogia entre a estrutura interna de dois domínios da experiência, Lakoff e Johnson (2002, p. 46) servem–se do exemplo “Discussão é guerra”. Por meio dessa metáfora, esses autores afirmam que a conceitualização de categorias abstratas se fundamenta na nossa experiência cotidiana.

A metáfora se baseia na semelhança. A sinédoque e metonímia se baseiam na contigüidade, não na semelhança. Há autores que não distinguem sinédoque de metonímia, embora alguns afirmem que a diferença entre as duas reside em que a metonímia estabelece uma relação geral de causa e efeito e a sinédoque uma relação geral do todo com a parte. Na metonímia haveria uma dependência externa, uma correspondência causal. Na sinédoque uma dependência interna, inclusão, conexão.

Lakoff e Johnson (2002, p. 93) asseveram que a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo emprego que a metáfora, no entanto ela permite que focalizemos mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo e, assim como a metáfora, faz parte do nosso cotidiano, pois estão intrinsecamente ligadas ao nosso agir e pensar no dia-a-dia. Lakoff e Johnson (2002, p. 97) garantem que os conceitos metonímicos são responsáveis não só pela estruturação de nossa linguagem, mas também organizam nossos pensamentos, atitudes e ações e estão intimamente entrelaçados às nossas experiências.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 97) os conceitos metonímicos se baseiam em relações de contigüidade e nos permitem conceitualizar uma coisa por sua relação com outra. Assim como a metáfora, esses conceitos estruturam não só a nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e baseiam-se em nossa experiência.

4.7 Sobre histórias e parábolas

Conforme sugere Turner (1996), em sua obra *The literary mind*, nós interpretamos todo nível de nossa experiência por meio de parábolas, entendendo a parábola como a projeção de história, não da forma convencional como é empregada na literatura, mas para destacar que a mente cotidiana é essencialmente literária.

São nossos meios principais de olhar no futuro, de predizer, de planejamento e de explicar. É, segundo Turner (1996, p. 4), uma capacidade literária indispensável para a cognição humana.

A essência da parábola, na concepção de Turner (1996, p. 5), é a combinação de história com projeção: uma história é projetada sobre outra, um princípio cognitivo básico.

A maioria de nossa experiência, nosso conhecimento e nosso pensamento é organizada por histórias. O âmbito mental de história pela projeção, em nosso cotidiano ajuda a fazer relações de sentido.

Para Turner (1996, p. 12), é próprio do homem criar histórias e, pelas histórias, nós imaginamos realidades e construímos significados. A mente cotidiana executa esses feitos por meio de processos mentais que são considerados processos literários.

A mente humana sempre está em trabalho constante, construindo histórias pequenas e as projetando, tornando a vida cotidiana possível, pois são a raiz do pensamento humano, assegura Turner (1996, p. 12). As histórias são tão essenciais à vida, que nosso domínio delas se mostra quase completamente inconsciente, de um ponto de vista biológico; mas se manifesta no cotidiano como um mecanismo tão consciente que não nos apercebemos de sua inevitável essencialidade. Quando nos apoiamos em outras histórias, quando contamos e repassamos histórias, e quando empregamos pequenas histórias em nosso dia-a-dia, para dar forma e sentido ao nosso pensamento, às nossas concepções de mundo, nós distinguimos objetos de eventos, objetos de outros objetos, e eventos de outros eventos. Desse modo, estamos fazendo nossas projeções e realimentando nosso cotidiano com uma linguagem que não nasce de nosso pensamento abstrato e singular, mas que vem de uma história geral: a existência humana, guardada em nosso inconsciente e projetada por outras histórias. É a história de como nós usamos história, a parábola para pensar, que nos acompanha desde a história geral da humanidade, projetada em nossas pequenas histórias do cotidiano, ao nível de histórias do cotidiano.

Toda a realidade humana é simbólica e esses símbolos que usamos para dar nomes às coisas do "mundo" nos cercam e nos envolvem como um cenário perceptível por meio de alguns, muitos ou mesmo uma infinidade de sinais, que são traduzidos por nossas metáforas, nossas formas conceituais de apreensão dos sentidos.

Assim, ao apresentarmos uma história, projetamos outra história, com a principal intenção de dar a entender uma possível mensagem. Essa projeção de uma história sobre outra pode parecer didatizadora, mas se constitui de esquemas, que se organizam e, num processo de deslocamento, a parábola combina história e projeção convenientemente, como um laboratório onde são condensadas grandes coisas em um espaço pequeno. Assim, entender uma parábola é acionar uma série de dados armazenados que são ativados inicialmente com imagem narrativa até a compreensão de um complexo de objetos, eventos e atores que remontam ao nosso conhecimento de história.

Combina história, então, com projeção: uma história é projetada sobre outro. A essência de parábola é, portanto, a combinação de duas de nossas formas básicas de conhecimento -projeção e história- que produzem um de nossos processos mentais mais agudos porque significam construir uma outra história, atualizada, dada a natureza de nossos sistemas conceituais.

5. Palavras e gestos: a análise

A Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1998) pareceu-nos bastante lúcida e inovadora para empreendermos esta análise, uma vez que reconhece que as ferramentas da lógica formal assumidas pelas teorias tradicionais não dão conta da sistematização necessária ao trabalho de análise do idioma natural. A teoria, defendida por Fauconnier, inova no sentido de separar as estruturas referentes, dentro de uma semântica cognitiva, indicada nos espaços mentais que funcionam como conectores capazes de estabelecer o elo de sentido entre o que se diz e o que se tem em mente, não realizado pela enunciação e passível de mais de uma leitura.

Destacamos, nas entrevistas realizadas, uma expressão característica desse grupo, reveladora de sua marca lingüística, a qual analisamos, a seguir.

Aquela égua que tava amarrada no pau do Polidório era eu.

Há nessa expressão uma ambigüidade que, em princípio, causa estranheza, comicidade e uma possível interpretação maliciosa, se considerarmos a polissemia do vocábulo "pau" no sentido listado por Preti (1984), associado à concepção vulgar de égua e os sentidos gerados numa primeira interpretação, sem considerar o contexto e a relação entre os interlocutores.

Num primeiro nível de interpretação - o nível da enunciação podemos aduzir a intenção do falante: comunicar ao seu interlocutor a sua presença em um local notadamente conhecido na comunidade. Nesse episódio, a referência ao animal pertencente ao enunciador estabeleceria a relação de propriedade/presença do proprietário, o que poderia ser caracterizado como uma relação metonímica e não metafórica, considerando que o enunciador não estaria atribuindo a si próprio, características do animal a ele pertencente, mas apontando uma referência ao seu interlocutor, para propiciar a compreensão da mensagem.

Num segundo nível de interpretação- o nível literal- a égua seria interpretada como sendo o enunciador, o que, apesar do efeito cômico, em princípio considerado nessa fala, seria logo descartado, entendendo que nenhuma comunidade lingüística interpretaria, desse modo, essa expressão.

Um terceiro nível- o metafórico- poderia ser explorado, tendo em vista o efeito de sentido alternativo atribuído pelo falante, donde pode se considerar a metarregra de relação proposta por Charolles, lembrada por Abreu (2004, p. 43): "em um texto coerente, seu conteúdo deve estar adequado a um estado de coisas no mundo real ou em mundo possíveis". Nesse caso, empregando a metarregra de relação há que se chegar à seguinte análise: a relação do animal com seu dono é tomada como relação de referência num mundo real em que a presença da égua, determina a presença do proprietário. A presença da égua no local apontado, nesse sentido, é uma metonímia que sinaliza a presença do seu condutor, daquele que se estaria servindo dela para estar ali naquele momento. Portanto, um sentido alternativo e possível no mundo real.

No domínio de origem tem-se égua como referente para a projeção do domínio alvo "eu", assim, um *blending* é criado levando à interpretação de que na relação entre o animal possuído/presença do possuidor há uma metonímia em que uma entidade está sendo usada para se referir á outra, provocando uma interpretação possível em nosso sistema conceptual.

De igual modo a relação Polidório/Padaria também pode ser estabelecida nesses termos:

No domínio de origem, tem-se Polidório como referente para padaria, numa relação metonímica inversa à relação do esquema anterior: Polidório é o proprietário da padaria, diante da qual estaria amarrada a égua do enunciador. O pau a que se refere o enunciador estaria localizado do lado de fora da padaria de propriedade do Sr Polidório. Assim, o proprietário empresta o nome à propriedade, lugar de referência para os interlocutores desse evento de fala.

6. Considerações Finais

O foco deste trabalho está na linguagem como um conjunto de recursos simbólicos que entra na constituição do sistema social e na representação individual de mundos reais ou possíveis, organizados mentalmente e projetados à medida que a situação de fala exige.

Com essas análises nos colocamos diante de dados que confirmam que os significados não são construídos apenas pelos sujeitos a partir das formas lingüísticas, mas envolvem o processamento de relações entre as formas da língua e o contexto discursivo no qual aparecem, além de se reportarem a imagens e projeções que o falante têm armazenadas em sua mente e que constituem um repertório, ou acervo de experiências pessoais e/ou coletivas compartilhadas socialmente.

Se aceitarmos que construímos significados a partir de instruções fornecidas pelas formas lingüísticas, as análises que apresentamos, sob a perspectiva sócio-cognitiva, tendo como referência a teoria dos espaços mentais, podem efetivamente mostrar que a função das construções lingüísticas é guiar ou operacionalizar esse "saber" e que a exploração dos fenômenos biológicos, mentais, sócio-histórico-culturais, ligados à língua só tem a acrescentar ao trabalho realizado pelos lingüistas, sem deixar de considerar e respeitar a organicidade e metodologia consagrada dos chamados níveis de analise lingüística, conforme orienta Abreu (2003, p. 18).

Valemo-nos aqui também do processo metonímico para concluir que as construções lingüísticas tradicionalmente rotuladas como figuras de linguagem são apenas a ponta do *iceberg* de um fenômeno muito mais amplo no nível da linguagem e da cognição humana, conforme enfatiza Fauconnier (1998). Nessa perspectiva, entender melhor as metáforas equivale a compreender um pouco mais a respeito do intrincado e misterioso terreno que é o funcionamento da mente humana.

Desse modo, essas projeções metafóricas presentes na linguagem cotidiana nos ajudam a entender as metáforas existentes na fala deste grupo.

Cabe lembrar que, para os membros da comunidade pesquisada e das outras comunidades, existe uma associação entre rosca e os membros da comunidade de Dourados, assim como também a expressão "dourado" tornou-se uma designação genérica para as pessoas da região do rio Dourados e adjacências.

Daí, podemos fazer o seguinte esquema para representar o processo de projeção de imagens:

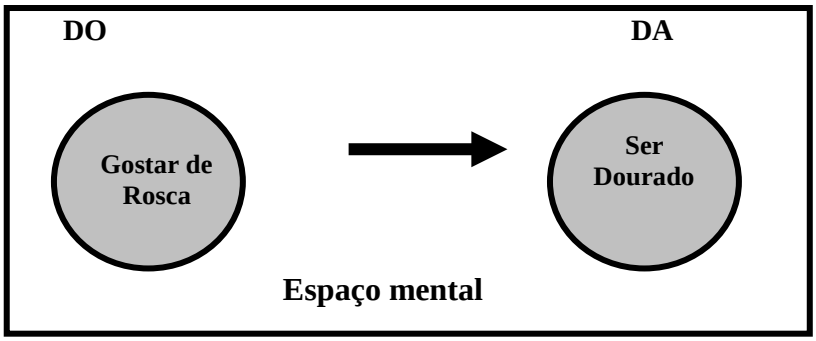

Figura 1- Esquema A- "Ser Dourado".

No domínio de origem temos rosca como referente para a projeção do domínio alvo "dourado", quando um *blending* é criado, levando à interpretação de que na relação entre a quitanda preferida pelos membros do grupo e o próprio membro do grupo há uma metonímia, decorrente de uma associação entre comida e pessoas, provocando uma interpretação possível em nosso sistema conceptual. Assim, gostar de rosca equivale a ser dourado, que por sua vez é também resultado de um processo metonímico. Nesse caso, numa relação de contigüidade, o nome do lugar é associado às pessoas ali nascidas e pode ser estabelecida nesses termos:

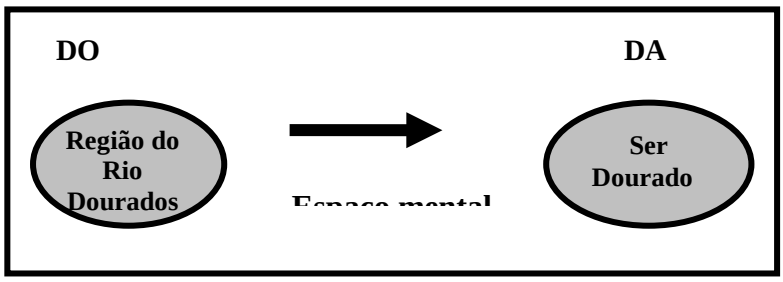

Figura 2- Esquema B- "Ser Dourado"

No domínio de origem tem-se "dourado" como referente para os membros da comunidade, numa relação metonímica, similar à relação "rosca/dourado". Então, o Rio Dourados empresta o nome a quem nasce na região próxima a ele e torna-se um lugar-referência e, assim, mais do que se constituir em uma figura, a metonímia cria símbolos. "Gostar de rosca" passa a ser identificador das pessoas oriundas da Região do Rio Dourados, que também funciona como identificador do grupo de pessoas daí provenientes. Nesse sentido, outras relações metonímicas podem ser acrescentadas: "ser dourado" = "ser bobo", e ainda, "ser dourado" = "a ser esperto".

Identificamos essa correlação como uma mesclagem cognitiva que ocorre quando processos mentais envolvem relações conceptuais entre, pelo menos, dois domínios distintos. Assim, eles são ativados e suprem a escassez dos significantes com informações neles arquivadas. Por isso, muitas vezes, tal qual apresentam esses exemplos, a partir de um único termo, experiências de diferentes naturezas, ativadas na memória, vêm compor o significado das construções lingüísticas que são realizadas cotidianamente, não só por esse grupo, mas por todos os falantes de língua portuguesa e de outras línguas.

Essas relações, que podem soar contraditórias, fora de um contexto, são compreendidas no universo cultural desse grupo, pois, conforme apresentamos na Seção 2 deste trabalho, quem as conhece separa essas duas características.

A conotação de "bobo" é atribuída aqueles membros com problemas mentais em conseqüência dos casamentos consangüíneos, comuns entre o grupo. Por outro lado, a conotação de "esperto" é atribuída ao fato de os membros do grupo dos Dourados serem negociantes natos e talentosos. E, reportando-nos à

opinião de membros de outras comunidades, “o que eles não podem ser classificados é como bobos, pois em tudo que fazem levam vantagem”.

Ao delimitarmos nosso propósito com este trabalho, decidimos investigar os mecanismos subjacentes ao falar de uma comunidade cuja característica é destacar sempre o aspecto cômico nas interações sociais, por meio da ambigüidade.

Os resultados obtidos na pesquisa comprovaram que nos inúmeros casos de ambigüidade, podemos ver com mais clareza o papel do contexto na ativação de *frames* e, conseqüentemente, na construção do significado. Assim, o *blend*, que surge a cada enunciação é uma operação que permite explicar uma série de fenômenos lingüísticos e ajuda-nos a conhecer melhor a natureza das relações que existem entre construções lingüísticas e processos cognitivos dessa comunidade lingüística e pode ser estendida às demais. As entidades que os compõem estão parcial e esquematicamente configuradas. Entre as que são ativadas, algumas são transferidas para o espaço mesclado, carreando consigo as significações que com elas coexistem nos domínios.

Uma hipótese para o destaque do cômico nessa comunidade é a de que ela compõe uma espécie de “grande família” dentro da qual essa atitude tem a função de ser um componente agregador, uma espécie de “demarcação de território social” construído pelo bom humor e camaradagem.

E, à guisa de conclusão, reportamo-nos a Arendt: a linguagem “é uma atividade sem fim, pela qual nos ajustamos ao real, nos reconciliamos com ele e nos esforçamos para estar de acordo ou em harmonia com o mundo” (REVAUT D’ALLONES, 1994, p. 60).

7. Referências bibliográficas

ABREU, Antônio Suárez. Progressos da Lingüística Cognitiva e níveis de análise lingüística. In: **Alfa**. São Paulo, 47 (2); 9-19, 2003.

ARISTÓTELES. **Retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1959.

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo, Cultrix, 1993.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: University Press, 1998.

FAUCONNIER, Gilles. **The Way We Think**: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities, Cambridge University Press, 2002.

_____; SWEETSER, Eve (Ed.) **Spaces words and grammar**. Chicago: Uuniversity of Chicago Press, 1996.

_____. TURNER, Mark. “Blending as central process of grammar”. In: **Conceptual structure discours and language**. California: CSLI, Publicações Standford, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LAKOFF, George. “The contemporary theory os metaphor. In: ORTONY, Andrew (Ed.) **“Metafhor and thought**”. 2. ed. Cambridge: Cambridge, 1993.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Methaphors we life by**. Chicago: University Cchicago Press, 1980.

_____. **Philosophy of mind**. New York: Library of Congress, 1999.

_____. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, São Paulo: EDUC, 2002.

NOVA Enciclopédia de Pesquisa Fase. Rio de Janeiro: Fase, 1979.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

TURNER, Mark. **The literary mind**. New York: Oxford University Press, 1996.